



Marcelo Augusto Cunha de França*

RESUMO

Este artigo tem como objetivo examinar a ética no maniqueísmo. Como introdução ao tema, o texto abordará as influências recebidas por Mani e suas pretensões ao fundar uma religião de caráter universal. Para compreender o maniqueísmo é essencial entender a sua cosmogonia, ou seja, a luta entre a Luz e as Trevas. Apresentando-se como “o último dos profetas”, Mani ofereceu uma explicação criativa que integra mitos gnósticos a elementos judaicos, cristãos e, possivelmente, budistas. A partir dessa estrutura cosmogônica, torna-se possível compreender o conflito ético no interior da humanidade. Em sua teologia, destaca-se o papel do ser humano como protagonista na vitória da Luz, por meio de uma ética rigorosamente ascética, que proíbe qualquer forma de violência e exige domínio de si, voto de pobreza e vida devocional, com o objetivo de libertar as partículas de Luz ainda aprisionadas na criação. O artigo busca oferecer uma leitura do maniqueísmo que dialoga com certas críticas formuladas por Agostinho, mas que privilegia a perspectiva interna do próprio movimento, a partir de fontes primárias, comentadores e pesquisadores especializados.

Palavras-chave: Cosmogonia. Ética. Maniqueísmo.

To liberate the light: ontology and moral practice in manichaeism

ABSTRACT

This article aims to examine ethics within Manichaeism. As an introduction to the subject, it analyzes the influences that shaped Mani and his intention to establish a universal religion. Understanding Manichaeism requires grasping its cosmogony – that is, the primordial conflict between Light and Darkness. Presenting himself as “the last of the prophets,” Mani developed a creative synthesis that combines Gnostic myths with Jewish, Christian, and possibly Buddhist elements. Based on this cosmological framework, it becomes possible to understand the ethical conflict within humanity. Manichaean theology emphasizes the human being as a central agent in the victory of Light, through a rigorously ascetic ethic that forbids all forms of violence, promotes self-control, vows of poverty, and a devotional life aimed at the liberation of the divine Light particles still trapped in creation. The article seeks to present a perspective on Manichaeism that engages with Augustine’s critiques, while prioritizing the internal vision of the movement itself through primary sources, commentators, and scholarly interpretations.

Keywords: Cosmogony. Ethics. Manichaeism.

Introdução

Conforme Sertillagens (2020, p. 11) afirma, explicar o problema do mal significa enfrentar um dos problemas mais profundos da consciência humana. Toda civilização, por meio dos seus mitos, trouxe alguma explicação sobre a existência do mal e como ele se relaciona com a realidade. Assim, a história do pensamento humano apresenta diversas respostas ao problema, mas foi, provavelmente, a resposta de Agostinho que popularizou o tema e consagrou o assunto. Enfrentando os maniqueus em suas *Confissões*, ele afirma que o mal é a completa ausência do bem (Agostinho, 2024, p. 153). O seu confronto com o maniqueísmo se tornou um marco na história da filosofia cristã, já que os maniqueus eram uma religião de vertente alternativa ao cristianismo e, na época de Agostinho, popular.

Diante da “vitória” agostiniana contra os maniqueus, o movimento de Mani se tornou uma daquelas “seitas” ou “grupos” permeado de ideias “ultrapassadas” que foram derrotadas diante dos argumentos cristãos. Contudo, pode-se afirmar que o maniqueísmo não era simplesmente uma religião que pregava uma doutrina dualista e aparentemente irracional. O maniqueísmo era um movimento bastante complexo e de caráter autônomo que tinha uma dimensão teórica e prática, conforme afirma Rubio (2008, p. 68, tradução nossa) “o maniqueísmo é, antes de tudo, uma cosmovisão religiosa autônoma. Como tal, trata-se de um sistema articulado, formado por dimensões teóricas (dogmas e crenças) e práticas (ritos e comportamentos)”¹.

Como será analisado neste artigo, a explicação do mal de acordo com o maniqueísmo é bastante elaborada, sendo a união de várias crenças e doutrinas de algumas religiões e movimentos religiosos do início do século II em diante, como o gnosticismo. A própria definição das ideias de Mani é um grande desafio para qualquer pesquisador, pois há uma carência de várias fontes que se perderam com o tempo, como Rubio explica: “a maior parte dos textos primários conservados são incompletos e fragmentados” (Rubio, 2008, p. 20, tradução nossa²). Nesse processo de reconstrução do pensamento maniqueísta, serão utilizados pequenos fragmentos maniqueístas e algumas declarações de Agostinho. O artigo investigará como o

¹ No original: “El maniqueísmo es, ante todo, una cosmovisión religiosa autónoma. Como tal, es un sistema articulado, formado de dimensiones teóricas (dogmas, creencias) y prácticas (ritos, comportamientos...)”.

² No original: “La mayor parte de los textos primarios conservados son incompletos y fragmentarios”.

maniqueísmo sustenta os seus princípios éticos a partir da sua cosmologia e ontologia. Apresentará a criação do universo conforme a mitologia maniqueísta e os mandamentos que os seguidores de Mani deveriam cumprir a partir da necessidade espiritual de participar dessa batalha entre o bem e o mal.

Maniqueísmo: fundador e características

Pensar o maniqueísmo implica, antes de tudo, buscar uma definição exata do que foi o movimento, ou seja, suas características e doutrinas. Conforme Rubio (2008, p. 67), pode-se afirmar que o maniqueísmo é uma religião de características autônomas e universalistas, criada e pensada por um homem, chamado Mani, e após ele não houve nenhum acréscimo ou desenvolvimento doutrinário acerca do que foi ensinado por ele. Mani nasceu, provavelmente no ano 216 depois de Cristo, na Babilônia. Conforme Tardieu demonstra (2008, p. 2, tradução nossa): “Mani veio ao mundo em uma comunidade rural nas margens do curso superior de Nahr Kuta, que flui de um ponto ao Nordeste da Babilônia em direção ao Sul, até Nipur (Nuffar)”³.

A Babilônia era uma região bastante movimentada, um local onde havia grande fluxo religioso e espiritual. Tardieu (2008, p. 3) afirma que algumas fontes maniqueístas atestam que o próprio Mani viveu no meio de movimentos religiosos, principalmente entre os Elcasaitas, uma seita cristã que defendia a transmigração da alma do Cristo por toda história desde Adão até Jesus, pregando um gnosticismo messiânico, no qual Cristo era visto como um espírito-anjo (Tardieu, 2008, p. 8). Contudo, os Elcasaitas se consideravam parte do judaísmo e tinham um costume de rotineiramente se purificarem nas águas, por isso eram chamados de batistas (Tardieu, 2008, p. 8).

Além dessa compreensão cristã que era alternativa ao “cristianismo ortodoxo”, Mani recebeu a influência de outras figuras religiosas, tais como: o próprio Jesus, Buda e Zoroastro, chamando a si mesmo de “Paraclito” ou o consolador prometido por Jesus nos Evangelhos (Bataglioni, 2018, p. 41). Diante disso, o sistema de Mani pode ser considerado sincrético, já que une elementos religiosos, além de depender em certa parte de uma interpretação gnóstica-cristã. Hans Jonas (2001, p. 124)

³ No original: “Mani came into the world in a rural community on the banks of the upper course of the Nahr Kuta, which flows from a point northeast of Babylon southward to Nippur (Nuffar)”.

sintetiza esse sincretismo argumentando que Mani uniu a cosmogonia do zoroastrismo, a escatologia do cristianismo e os princípios éticos e ascéticos do budismo. O coração doutrinário do maniqueísmo é o mito cosmológico do exílio e salvação do homem, isto é, a luta cosmológica entre as forças da Luz e das Trevas que geraram a criação de todas as coisas e da humanidade (Jonas, 2001, p. 124).

O maniqueísmo ficou bastante conhecido com as críticas agostinianas, sendo algumas vezes apresentado como uma religião irracional ou “carnal”, conforme o próprio Agostinho definia: “Caí assim nas mãos de homens desvairados pela presunção, extremamente carnais e loquazes” (Agostinho, 1984, p. 68). Contudo, como será discutido nas seções seguintes, há um maniqueísmo para além das críticas de Agostinho.

O dualismo ontológico: a luta entre a Luz e as Trevas

A doutrina do dualismo ontológico é a “chave hermenêutica” para compreender os princípios maniqueístas. Mani construiu uma síntese mitológica que fosse capaz de explicar o nascimento de um universo a partir de substâncias opostas e, mesmo assim, existir em uma possível “harmonia”. Conforme os ensinamentos de Mani, “antes do universo existir, havia dois princípios que não foram criados, totalmente opostos, separados e eternos” (Bataglione, 2018, p. 18). Dois princípios completamente opostos, eternos e independentes, no maniqueísmo essas duas forças são apresentadas como realidades corporais⁴ com lugares e reinos próprios, as duas forças são chamadas de Deus e a outra de Trevas⁵.

De acordo com as fontes maniqueístas disponíveis aos nossos dias, o início desse conflito cósmico nasce de uma inveja das Trevas pelo Reino da Luz e a sua terra (Rubio; Torrents, 2009, p. 129). Tomado por uma completa inveja e hostilidade, o Reino das Trevas projeta um ataque contra o Reino da Luz, iniciando assim uma série de conflitos entre os dois princípios (Tardieu, 2008, p. 76), ou, inaugurando

⁴ As explicações do maniqueísmo sobre as duas substâncias não podem ser interpretadas alegoricamente. As doutrinas de Mani eram vistas como descrições precisas da realidade, a visão do profeta era a própria revelação da verdade descrita em todos os detalhes.

⁵ As Trevas não são vistas como “outro Deus”. Ela é vista como essencialmente diferente de Deus. Tardieu (2008, p. 82) aponta para os títulos que são utilizados para definir as Trevas: Rei das Trevas, Demônio, Satan, Príncipe das Trevas, Grande Arconte, Mal ou Matéria.

assim, o “período presente”⁶. O Reino da Luz é governado ou personalizado na figura do “Pai Celestial” ou “Pai das Luzes” que começa a planejar uma forma de “contratar” o Reino das Trevas. Para atacar as Trevas, o Pai Celestial invoca uma série de emanações para que possa ajudá-lo nessa batalha, em outras palavras, são essas emanações que entram diretamente na batalha, enquanto o Pai Celestial envia os seus filhos à peleja (Bataglione, 2018, p. 27).

A primeira emanação é a Mãe da Vida e, por meio dela, é evocado o Homem Primordial, que será o primeiro a entrar diretamente na batalha. O Homem Primordial evoca os seus cinco filhos que são os elementos que compõem a própria essência da Luz (Bataglione, 2008, p. 27). Transformando os seus filhos em uma armadura, ou na sua própria Alma, o Homem Primordial entra na batalha, mas acaba sendo “emboscado” pelo Reino das Trevas e é aprisionado, vendo os seus filhos serem devorados pelas Trevas por meio dos seus arcontes⁷ (Jonas, 2001, p. 218). Se isso parecia uma possível derrota para o Reino da Luz, mostra-se, de acordo com os maniqueus, um plano do Pai Celestial que utilizou o Homem Primordial para deter os avanços das Trevas, que depois de devorar a Alma do Homem Primordial acaba se debilitando, já que agora carregava partículas luminosas (Bataglione, 2018, p. 28).

O Pai Celestial evoca novos seres celestiais para ajudar o Homem Primordial que está debilitado. Diante disso, o Pai Celestial evoca o Amado das Luzes, o Amado das Luzes evoca o Grande Ornamento e o Grande Ornamento evoca o Espírito Vivente (Rubio, 2008, p. 110). O Espírito Vivente evoca os seus cinco filhos e vão para o Reino das Trevas resgatar o Homem Primordial. Depois de resgatar o Homem Primordial, cabe ao Espírito Vivente punir os arcontes ou filhos das Trevas. Rubio (2008, p. 113) afirma que alguns deles são mortos, outros torturados pelo Espírito Vivente e seus filhos. É a partir desse momento que a criação do cosmos se inicia; de acordo com os maniqueus, por meio dos corpos dos arcontes, o Espírito Vivente

⁶ De acordo com o entendimento de Rubio (2008, p. 84) o núcleo da doutrina maniqueísta se divide entre o conflito dos dois princípios e o esquema dos três tempos. A história é dividida em três períodos: a separação original, o estado presente e a separação final. O primeiro se refere ao período antecedente ao ataque das Trevas; o segundo ao tempo presente no qual a Luz e as Trevas acabaram entrando em conflito e se mesclando; e o último, a separação final que acontecerá no final dos tempos quando a Luz e as Trevas se separarem por completo.

⁷ Arcontes é o termo utilizado para designar os demônios no gnosticismo. Na gnose, os arcontes são apresentados como seres criados pelo demiurgo para impedir o ser humano de superar a matéria. Mais uma clara referência à relação de Mani com a linguagem gnóstica do seu tempo. Isso não significa que Mani era um gnóstico como os gnósticos do século II, mas prova que havia uma recepção da linguagem, como uma aceitação que certos conceitos e ideias descreviam perfeitamente a realidade.

constrói os firmamentos da terra, como as montanhas, ainda que não seja possível libertar as partículas da Luz, mas é possível criar um mundo ordenado e em um local determinado (Bataglion, 2018, p. 32). Ou seja, no maniqueísmo, a causa eficiente da existência de todas as coisas é o Bem e a causa material é o Mal (Rubio, 2008, p. 113).

Entre as últimas emanções, o Pai da Grandeza evoca o Terceiro Enviado que tem como função criar os mecanismos de libertação das partículas da Luz que estão nos arcontes. Para conseguir expelir as partículas da Luz, o Terceiro Enviado se manifesta como um andrógino: para os arcontes fêmeas, a figura de um homem nu chamado de Adão Luminoso; para os arcontes machos, a figura da Virgem de Luz⁸ (Tardieu, 2008, p. 80). O resultado é o esperado pelo Reino da Luz: os arcontes ficam excitados diante da imagem. Em seguida, os machos acabam se excitando e deixando os sêmens caírem, enquanto as fêmeas acabam se excitando com a imagem do “Adão Luminoso”, acabam engravidando e, em seguida, abortando os seus filhos, e os abortos caem na terra. Conforme Rubio (2008, p. 123) explica, os sêmens dos arcontes machos são levados pelo Terceiro Enviado que acaba retirando as partículas de Luz, enquanto o resto do sêmen cai na terra criando o mundo vegetal.

No caso dos arcontes fêmeas, os seus abortos se transformam em demônios que devoram as plantas e o mundo vegetal. Contudo, o mundo vegetal ainda tinha algumas poucas partículas da luz que não foram retiradas pelo Terceiro Enviado já que estavam “entranhadas” nas Trevas dos arcontes, mas que são suficientes para serem devoradas pelos demônios, que depois de devorarem as plantas, acabam copulando entre si: dessa relação nasce o mundo animal. A criação do homem é a última parte da criação e, provavelmente, a parte mais traumatizante no sistema maniqueísta. Tardieu (2008, p. 82) descreve que os escritos maniqueus descrevem a existência de dois filhos das Trevas: *Saklas*, um demônio macho; e *Nebroel*, um demônio fêmea. Os dois planejam devorar os abortos dos arcontes fêmeas e pedem para que todos os abortos sejam entregues aos dois. Depois de os devorarem, eles acabam copulando entre si e criam Adão e Eva a partir da memória que tinham da imagem do Adão Luminoso e da Virgem de Luz (Tardieu, 2008, p. 80).

⁸ Há uma certa discordância entre os manuscritos maniqueus: algumas versões afirmam uma virgem, outras 12 virgens.

Portanto, pode-se afirmar que o plano das Trevas é frustrar o processo de libertação que foi criado pelo Pai Celestial. No plano das Trevas, a criação do homem permite a reprodução, e quanto maior a reprodução, maior a dificuldade das partículas da Luz se libertarem, ou seja, quanto maior a reprodução, maior o exílio da Luz. Sendo assim, a doutrina maniqueísta ensina uma espécie de duas naturezas no interior do homem, conforme o próprio Agostinho constata:

De fato, eles afirmam que há duas almas – que eles dizem ser formadas da substância de Deus e da sua própria natureza, as quais não pecaram por própria vontade, mas foram impelidas pela raça que habitava as trevas, que eles denominam a natureza do mal, contra a qual desceram para combater não espontaneamente, mas por ordem do seu pai – foram vencidas e oprimidas e são atormentadas para sempre no horrível globo das trevas (Agostinho, 2019, p. 52).

Resumindo a descrição de Agostinho, no maniqueísmo o homem é formado pela matéria que é má, mas carrega dentro de si partículas da Luz, sendo influenciado diretamente pelas duas partes, não permitindo espaço para liberdade. De uma maneira objetiva, para os maniqueus, fazer o bem ou mal não estava relacionado ao caráter inteligível do ser humano que é capaz de refletir e decidir pelo certo ou errado, mas era fruto da própria natureza humana que estava envolvida por duas naturezas contraditórias. Dessa forma, a única forma do homem se libertar é alcançando a salvação que seria a completa libertação das partículas da Luz presas na criação. Para que isso seja alcançado, seria necessário apresentar um caminho radicalmente ascético que fosse capaz de aceitar que cada parte da natureza tem algum elo divino.

Ascetismo maniqueu: uma análise filosófica da ética maniqueísta

Conforme o grau de cada adepto, havia mandamentos que encaixavam perfeitamente com as suas necessidades. Como Bataglion (2018, p. 37) lembra, os mandamentos evocam a compreensão maniqueísta que vê o corpo como algo desprezível, negando qualquer forma de corporalidade. Igualmente o desprezo pela reprodução, já que é por ela que o exílio das partículas da luz é reafirmado. O ser humano tem um protagonismo no projeto salvífico, porque é o único ser consciente e capaz de entender o drama cosmológico que habita no universo e nele mesmo.

Agostinho (2002, p. 42) argumenta que o movimento utilizava a doutrina das duas almas como fundamento ético para as ações humanas, reafirmando o dilema ontológico entre Deus e a matéria. Conseqüentemente, bondade e maldade são compreendidas como realidade naturais que cada homem estava enfrentando no seu interior. Diante desses pressupostos, pode-se compreender o papel dos mandamentos no maniqueísmo como uma forma de acelerar o processo de purificação do ser humano e, em certo sentido, uma forma de eliminar o plano das Trevas através do ascetismo, muita das vezes, bastante radical se comparado a outras formas de monaquismo, além de um certo desprezo por práticas consideradas “mundanas”.

Não se pode negar que a religião de Mani era bem estruturada e com pretensões de se tornar uma religião universal capaz de superar qualquer barreira étnica. Dentro da hierarquia maniqueísta, os seus seguidores eram divididos conforme as suas funções e níveis. De acordo com Tardieu (2008, p. 73), o maniqueísmo tinha uma hierarquia sofisticada, com líderes e bispos, mas, de maneira objetiva, a divisão da religião era formada por eleitos e ouvintes⁹. Na continuidade da sua explicação, Tardieu (2008, p. 63) argumenta que os escritos maniqueus afirmam que os eleitos eram monges que dedicavam a sua vida para seguir os ensinamentos de Mani, e para isso era necessário observar cinco mandamentos e três juramentos aplicados tanto a eles quanto aos ouvintes.

O primeiro mandamento é chamado “Verdade” em Sogdiano¹⁰. Ele pode ser entendido como uma profissão pública do credo maniqueu, ordenando que o eleito siga fielmente as doutrinas e ensinamentos de Mani, reconhecendo e obedecendo o papel dele como profeta enviado pelo Espírito Santo:

Na medida em que o aspecto essencial da vida dos eleitos consistia na abertura e na obediência ao Espírito Santo, que descera sobre Mani, apóstolo da verdade, e que continuava a atuar sobre e no interior da Igreja, o imperativo da verdade pode ser interpretado como uma justificativa teológica da virtude da obediência à vontade do fundador (Tardieu, 2008, p. 64, tradução nossa)¹¹.

⁹ (Agostinho, 2024, p. 98): “[...]Gostava, pois, de ouvi-lo. Louvava-o e engrandecia-o como muitos outros e ainda mais do que eles. Tinha pena de não me ser permitido, naquela reunião de ouvintes, propor-lhe dificuldades e compartilhar com ele os cuidados dos meus problemas, conferindo familiarmente, escutando e respondendo às suas palavras”.

¹⁰ Um idioma antigo da civilização iraniana.

¹¹ No original: “Inasmuch as the essential aspect of the life of the elect was openness and obedience to the holy spirit that had come down into Mani, apostle of truth, and that continued to act upon and within

Deve-se ressaltar que a confissão pública da doutrina maniqueísta dialoga com as pretensões de Mani. Ele não era apenas um profeta, era “o último dos profetas”, sendo a principal figura a guiar o povo a uma nova era espiritual. Reconhecer a sua autoridade implicaria necessariamente em professar tudo aquilo que ele falou, cada palavra ou ideia deveria ser considerada como inerrante por causa da sua autoridade profética.

O segundo mandamento do maniqueísmo afirma o princípio da “não-violência”, contudo, no sentido mais radical do conceito, muito diferente da concepção cristã-judaica e islâmica que o compreende numa perspectiva limitada¹². No segundo mandamento, o monge deve “selar as suas mãos” de qualquer tipo de violência, isto é, não só contra o seu próximo, mas contra a própria natureza, não podendo injuriar os cinco elementos da natureza: luz, fogo, água, vento e ar, que juntos habitam no ser humano, nas plantas e em toda existência como um todo (Tardieu, 2008, p. 64). Esse mandamento resume o princípio espiritual que afirma a existência de partículas das luzes na criação do menor dos animais ou até mesmo nas menores das plantas; então, se há uma partícula que luz, por menor que seja, em algum ser, ofender ou destruir esse ser significa destruir a própria partícula de luz e, conseqüentemente, rebelar-se contra a Luz.

O terceiro mandamento é apresentado como “um comportamento de acordo com a religião”. Esse mandamento não obriga apenas o monge a viver na continência na castidade, mas exige que ele viva na completa castidade, proibindo qualquer tipo de relação sexual seja lícita ou ilícita. Tardieu (2008, p. 65) explica que a proibição se relaciona a qualquer contato que possa ser sentido ou “prazeroso”. Outra dimensão importante do terceiro mandamento é a proibição de qualquer incentivo à reprodução de animais ou plantas. O princípio espiritual do desprezo à reprodução é fundamento na doutrina do exílio da luz que se torna mais cativa à medida que os seres se reproduzem. Nesse contexto, pode-se dizer que para o maniqueísmo, o casamento que visa somente a reprodução é mais abominável do que a própria relação sexual (Agostinho, 2000, p. 47).

the church, the imperativa of truth can be seen as a theological justification of the virtue of obedience to the will of the founder”.

¹² As religiões monoteístas seguindo o mandamento do “não matarás” permitiram, desde os seus primórdios, algumas exceções, conforme é registrado nas leis de Moisés, por exemplo, legítima defesa, guerras justas ou até mesmo a punição do próprio estado em casos excepcionais.

O quarto mandamento é “a afirmação da pureza da boca”: seguindo a mesma lógica dos mandamentos anteriores, este mandamento observa o princípio espiritual da vida, ou melhor, à vida corporal que o monge deveria seguir. Segundo os maniqueus, carnes e bebidas fermentadas, como vinho, cerveja e álcool, e outras produções do gênero são proibidas, porque as suas preparações eram o resultado de violências contra a natureza e os animais, dessa maneira, os monges eram estritamente vegetarianos. Embora exista uma preocupação física com os alimentos, há uma interpretação espiritual para o uso da boca, isto é, a preocupação com aquilo que sai da boca do homem: as palavras. Mani pregava a importância da moderação, e ao monge era obrigatório falar boas palavras, que eram dignas de honra e respeito, enquanto era proibido qualquer tipo de discurso que tinha como objetivo mentir, caluniar ou difamar alguma pessoa (Tardieu, 2008, p. 65).

O quinto e último mandamento para os monges é resumido como um “voto de pobreza”. A pobreza é um ponto espiritual fundamental para alcançar a salvação no maniqueísmo. Seguindo os ensinamentos de Jesus sobre a pobreza, os maniqueus afirmavam que a pobreza é uma condição para alcançar o Reino Celestial. Não era permitido aos monges acumular qualquer tipo de patrimônio, qualquer suprimento permitido seria apenas para um ano inteiro (Rubio, 2008, p. 173). Então, o monge era visto como um homem completamente livre e abençoado por viver livre das preocupações materiais em prol da salvação de sua alma.

Para Tardieu (2008, p. 66), os leigos, ou ouvintes, não eram considerados inferiores dentro da hierarquia; na verdade, os leigos complementavam os trabalhos dos monges:

Leigos e leigas eram membros da Igreja em pé de igualdade com os monges, e suas funções, embora distintas, eram complementares. O leigo possibilitava ao monge dedicar-se integralmente ao serviço da oração e da pregação; o monge, por sua vez, assegurava ao leigo a salvação eterna por meio dos conselhos que oferecia e das celebrações litúrgicas que conduzia (Tardieu, 2012, p. 67, tradução nossa)¹³.

¹³ No original: “Lay men and women were members of the church on the same level with monks, and their functions, although different, were complementary. The layman allowed the monk to devote himself completely to the service of prayer and speech; the monk assured the layman of eternal salvation through the counsels that he imparted and the liturgical celebrations that he conducted”.

O código moral dos ouvintes não era essencialmente diferente dos monges, a única diferença estava relacionada ao modo de vida. Os mandamentos para os ouvintes refletiam as principais doutrinas do maniqueísmo: amor, fé, piedade a Deus e boas obras. A finalidade dos dez mandamentos é regular a conduta moral dos seguidores. Para os ouvintes, o primeiro mandamento requer renunciar a idolatria, o que, porém, não significa apenas a não permissão de adorar outros deuses, mas a completa rejeição de qualquer antropomorfismo ao Pai Celestial. Em outras palavras, é idolatria atribuir a Deus o que não depende dele, assim como apelar ao diabo, ou as Trevas, como se fosse Deus, também estava proibido (Tardieu, 2008, p. 68).

O Segundo, terceiro e quarto mandamentos refletem o mesmo princípio: o bom e mau uso da boca no sentido físico e moral. O segundo mandamento reafirma a necessidade da pureza da boca, ou seja, a proibição por parte do ouvinte de blasfemar, mentir ou injuriar contra o próximo, a fé e Deus (Tardieu, 2008, p. 68). O terceiro mandamento retoma a importância de se abster de carne e comidas fermentadas ou que foram feitas a partir do sofrimento animal. Enquanto o quarto mandamento exige a abstenção de qualquer discurso inapropriado, especialmente aqueles que desrespeitem a imagem dos profetas, o quinto exigia a proibição de relações sexuais entre os casais no período de jejum ou datas importantes no calendário. Para os ouvintes, a proibição do casamento não era exigida, mas as relações sexuais eram permitidas entre os casais com ressalvas e evitando a reprodução. A poligamia era condenada, sendo considerada tão grave quanto o adultério (Tardieu, 2008, p. 67-68).

O sexto mandamento proíbe o ouvinte de afligir o necessitado ou apresentar qualquer tipo de ostentação diante do público. O sétimo proíbe a obediência aos falsos profetas e impostores, a saber, qualquer profeta que pregue uma mensagem contra a doutrina maniqueísta (Tardieu, 2008, p. 67-68). O oitavo mandamento é o de “não-violência” semelhante aos monges; contudo, com algumas adaptações aos ouvintes: proíbe qualquer tipo de tortura, agressão ou morte ao ser humano, ou a qualquer ser bípede ou animal de quatro pernas, como o cachorro ou gato. O nono e o décimo mandamento estão conectados: o nono condena qualquer tipo de fraude e trapaça

contra o próximo, e o décimo proíbe qualquer tipo de truques, artimanhas ou magias (Tardieu, 2008, p. 69-70)¹⁴.

Além dos mandamentos, os ouvintes tinham alguns preceitos que deveriam seguir como parte da sua vida espiritual, tais como: oração, esmola, jejum e a confissão de pecados. O primeiro preceito é a oração: os ouvintes deveriam orar pelo menos quatro vezes ao dia entre o amanhecer e o anoitecer, e suas orações deveriam seguir uma liturgia própria cheia de gestos e fórmulas, como Tardieu explica:

O ritual e a oração eram estritamente regulamentados: eram exigidas purificações e abluções como condição para entrar em um local de culto; as fórmulas tinham de ser recitadas corretamente e por completo; os gestos e prostrações apropriados deviam ser realizados durante a oração. Negligenciar um desses pontos, ou não lhes dar a devida atenção, era considerado pecado (Tardieu, 2008, p. 69, tradução nossa).¹⁵

O segundo preceito eram as esmolas: se ao monge era obrigatório o voto de pobreza, ao leigo era ordenado dar esmolas, no mínimo um décimo daquilo que ele tinha (Tardieu, 2008, p. 70). A esmola era uma forma de purificação de obras mundanas, e não era feita para qualquer pessoa, já que deveria ser voltada para auxiliar a vida dos eleitos que necessitavam de apoio para continuar seu ministério religioso (Rubio, 2008, p. 174). A esmola poderia ser tanto a doação de comidas e roupas, quanto a ajuda de custo ou até mesmo o próprio resgate de algum seguidor da fé que estava preso ou escravizado (Tardieu, 2008, p. 70).

O terceiro preceito é o jejum, que era visto como uma grande obrigação espiritual. Conforme algumas fontes, o jejum no maniqueísmo era realizado aos domingos e era obrigatório a todos os membros, sendo considerado um momento de reflexão e perdão dos pecados. Esses preceitos não tinham apenas uma finalidade espiritual, mas social, já que criava uma ligação social entre os membros: todos eram vistos como irmãos e estavam ali como uma comunidade religiosa unida pela salvação, na qual a dependência um do outro implicava em desenvolvimento espiritual para comunidade religiosa (Tardieu, 2008, p. 70).

¹⁴ Numa análise comparativa, o maniqueísmo recepciona algumas premissas importantes do judaísmo, cristianismo e budismo acerca da magia. As três religiões são unânimes em condenar o uso da magia e apresentá-las como uma face de maldade ao próximo, mesmo que seja apenas em benefício próprio.

¹⁵ No original: "Ritual and prayer were strictly regulated: purifications and ablutions were required as a condition of entering a place of worship; formulas had to be recited correctly and in their entirety; the proper gestures and prostrations had to be performed while praying. To neglect one of these points, or to be inattentive to them, was sinful".

Considerações finais

O problema do mal permeia toda história da fé monoteísta, desde a queda de Adão no relato de Gênesis (Sayão, 2012, p. 41). Quando são analisados os mandamentos maniqueístas, compreende-se que há uma busca pela elevação espiritual e moral do homem. Diferente do discurso apologista cristão ortodoxo, o movimento de Mani exigia dos seus seguidores uma vida moral digna, a considerando um pressuposto essencial para alcançar a salvação. Alguns autores consideram o maniqueísmo como uma religião gnóstica, como o pesquisador Hans Jonas (2001, p. 206). Contudo, o maniqueísmo foi uma religião muito mais complexa do que alguns sistemas gnósticos e para qualquer leitura vulgar das críticas de Agostinho. Mani projetou uma religião que fosse capaz de ultrapassar fronteiras e dialogar com povos e culturas, algo que aconteceu na história, visto que o maniqueísmo alcançou grande popularidade no norte da África, Oriente Médio chegando até o Oriente Asiático.

Mani buscou conciliar uma mensagem universal a partir de religiões que se consideravam universais, de modo que sua construção do relato da criação é fruto da mente de um pensador que compreende a realidade numa perspectiva pluralista e reconhece que na realidade há algum tipo de contradição. Ainda que sua resposta não tenha sido completamente satisfatória, sua perspectiva dualista continuou ecoando nos escritos de outros autores¹⁶. O problema do mal, por exemplo, é um problema sobre o homem: sobre quem somos, por que estamos aqui, e para onde vamos. As buscas por respostas ao problema do mal continuam, ainda que tenhamos novos possíveis questionamentos.

Contudo, relembrar o papel do maniqueísmo nessa “grande conversação” significa dar voz a um movimento que acabou sendo “vencido” por outras religiões e perdeu o seu direito de trazer os seus argumentos, ou até novos argumentos, para a conversa. Investigar o maniqueísmo a partir do próprio maniqueísmo é uma forma de resgatar uma parte da história dos outros “cristianismos” que nasceram e morreram no decorrer dos séculos após a morte dos apóstolos.

¹⁶ Jacob Boehme, no século dezesseis, retomou a problemática do dualismo, mas numa nova perspectiva, muito mais especulativa e mística. Os seus escritos abriram o caminho para teosofia cristã e influenciou autores alemães como Hegel.

Referências

AGOSTINHO, Santo. **A natureza do bem. O castigo e o perdão dos pecados.** São Paulo: Paulus, 2019. (Coleção Patrística).

AGOSTINHO, Santo. **A verdadeira religião.** São Paulo: Paulus, 2002. (Coleção Patrística).

AGOSTINHO, Santo. **Confissões.** Tradução de Maria Luiza Jardim Amarante. São Paulo: Paulus, 1984.

AGOSTINHO, Santo. **Confissões.** Tradução de J. Oliveira Santos e A. Ambrósio de Pina. Petrópolis: Vozes, 2024.

AGOSTINHO, Santo. **Dos bens do matrimônio. A santa virgindade. Dos bens da viuvez: cartas a Proba e a Juliana.** São Paulo: Paulus, 2002. (Coleção Patrística).

BATAGLION JÚNIOR, Eloi. **O mal como privação do bem:** a refutação de Santo Agostinho ao Maniqueísmo. São Paulo: Paulus, 2018.

BERMEJO RUBIO, Fernando. **El maniqueísmo:** estudio introductorio. Madrid: Trotta, 2008.

BERMEJO RUBIO, Fernando; MONTESERRAT TORRENTS, José. **El maniqueísmo:** textos y fuentes. Madrid: Editorial Trotta, 2009.

JONAS, Hans. **The Gnostic Religion:** the message of the alien God and the beginnings of Christianity. Boston: Beacon Press, 2001.

SAYÃO, Luiz. **O problema do mal no Antigo Testamento:** o caso de Habacuque. São Paulo: Hagnos, 2012.

SERTILLANGES, Antonin-Dalmace. **O problema do mal.** Sertanópolis: Calvarie Editorial, 2020.

TARDIEU, Michel. **Manichaeism.** Urbana and Chicago: University of Illinois Press, 2008.

Recebido: 19/05/2025
Aprovado: 20/10/2025